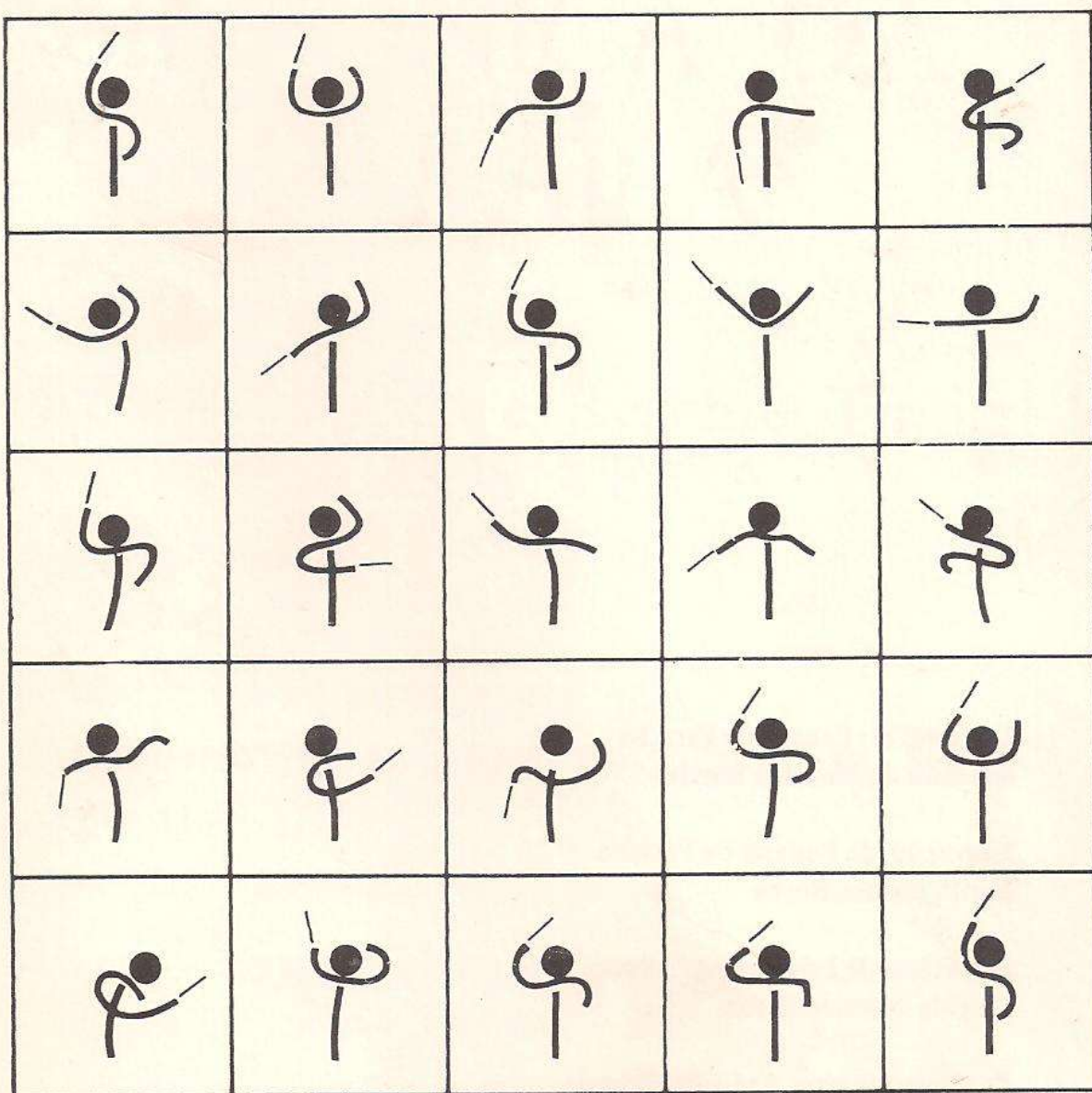




ORQUESTRA SINFÔNICA DA PARAIBA  
GOVERNO DO ESTADO/UFPB



Temporada 1981  
1º CONCERTO  
TEATRO SANTA ROZA

# ORQUESTRA SINFÔNICA DA PARAÍBA

Diretor Artístico e Regente Titular  
CARLOS VEIGA

TEMPORADA 1981

1.º Concerto: 12 de março de 1981 às 21 horas

TEATRO SANTA ROZA  
João Pessoa - Pb.

Governo do Estado da Paraíba  
Tarcísio de Miranda Burity

Universidade Federal da Paraíba  
Berilo Ramos Borba

Secretaria de Educação e Cultura  
Giselda Navarro Dutra

Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários  
Antonio de Souza Sobrinho

FELIX MENDELSSOHN — BARTHOLDY  
(Hamburgo, 1809 — Leipzig, 1847)

VIDA: Compositor, pianista e regente alemão que aos 9 anos de idade fez sua primeira apresentação pública como pianista; aos 10 anos entrou para a academia de Berlim e compôs a sua primeira obra: aos 15 dirigiu sua 4.<sup>a</sup> opereta de salão. Aos 17 anos produz sua primeira obra-prima, a abertura para *Sonho de uma Noite de Verão* (1826), baseada na peça homônima de Shakespeare, rica em efeitos atmosféricos. A partir de então, entrega-se totalmente à carreira musical. Uma das realizações mais importantes de Mendelssohn foi fazer renascer o interesse pela música de J. S. Bach. Em 1829, ele organizou e regeu a *Paixão Segundo S. Mateus*. Foi a primeira apresentação da obra desde a morte de Bach, o que muito contribuiu para reviver a música do grande mestre. Desde então Mendelssohn se afirma como regente. Aos 24 anos é nomeado Diretor Musical em Düsseldorf (1833). Dois anos mais tarde assume a direção da famosa orquestra *Gewandhaus* de Leipzig e em 1843 consegue criar o conservatório da cidade, um dos mais importantes da Europa, onde ele e Schumann ensinaram composição. Em 1824 é nomeado Diretor Geral da Música na Prússia, em Berlim. Mendelssohn morreu em Leipzig, aos 38 anos de idade.

OBRA. A obra de Mendelssohn possui os elementos básicos do período clássico, como, por ex., a obediência severa à forma, sempre clara e de fácil compreensão. Sua inspiração, entretanto, é plena de sentimentos românticos; um romantismo mais sentimental, porém, que vulcânico. A influência de Palestrina, Allegri, Bach e Händel é sentida na habilidade com que empregou o contraponto, e especialmente a dos dois últimos mestres é muito evidente nos seus oratórios *Paulus* (1836) e *Elias* (1946).

É indubitável que o mais original de toda a criação de Mendelssohn se encontra na música para piano e mais concretamente nas 49 *Canções sem Palavras* (1829 — 1845), série de 8 cadernos de peças para piano onde se conjugam o estilo lírico e o instrumental, adaptando ao piano gêneros

vocais tais como a canção com acompanhamento, o duo com acompanhamento e o coro *a cappella*. Não se pode deixar de mencionar também o valor técnico das 17 *Variações Sérias* (1841), que permitem ao executante empregar todos os recursos do virtuosismo.

Seus dois concertos para piano mostram extraordinária riqueza musical; poderíamos dizer que o compositor buscou, como único objetivo, por em relevo o virtuosismo do solista.

Já o concerto para violino em mi menor (1844), sua obra prima madura, é exuberante em lirismo melódico.

A orquestração de Mendelssohn, muitas vezes Mozartiana, é pessoal pela sugestão e pelo colorido. Da sua obra sinfônica constam 5 sinfonias, dentre as quais sobressaem a *Reforma* (1829-1830), a *Italiana* (1833) e a *Escocesa* (1842), e 5 aberturas — *Sonho de uma Noite de Verão* (1826), *As Hébridas* (1830-1832), *A calma do Mar* e a *Viagem Feliz* (1832), *A Bela Melusina* (1833) e *Ruy Blas* (1839) — as quais, sem ser descritivas, são evocadoras e podem ser consideradas, de certo modo, como tímidas tentativas do futuro poema sinfônico.

A sua música de câmara — um conjunto de umas 20 obras — está distante da melhor parte da sua obra; não devemos subestimar, entretanto, a autêntica força dramática do trio em dó menor op. 13, do quarteto em fá menor op. 80, nem podemos esquecer o octeto para cordas op. 20.

Para a voz humana, Mendelssohn compôs aproximadamente 80 *Lieder* com textos de Goethe, Heine, Eichendorff e Lenau.

A obra de Mendelssohn, banida na Alemanha pelo nazismo, sobreviveu à Hostilidade anti-semita dos wagnerianos. (Mendelssohn era de origem judaica). Suas composições foram incorporadas ao repertório internacional como representação máxima da elegância musical do séc. XIX. Nem romântico nem clássico, Mendelssohn seria mais apropriadamente definido como espécie de parnasiano *avant la lettre*. Sua obra combina a ortodoxia clássica e o colorido romântico, fórmula para epígonos desenvolvida pelos seus

alunos do Conservatório de Leipzig, que semearam o academismo no mundo inteiro.

#### SINFONIA EM LÁ MENOR, OP. 56 ("Escocesa")

*Andante con moto — Allegro un poco agitato / Vivace non troppo / Adagio / Allegro vivacissimo*

Uma viagem à Escócia em Junho de 1829, visitando os locais históricos onde viveu Maria Stuart, serviu de inspiração a Mendelssohn para a composição da última das suas cinco sinfonias, iniciada na Itália em 1830 e concluída, após várias etapas de trabalho, em 1842, em Berlim. A obra, dedicada à rainha Vitória da Grã-Bretanha e Irlanda, é notável pelo sombrio colorido nórdico. Esta sinfonia e a chamada "Italiana" (1833) são as mais populares das cinco; possuem frescura e poesia que justificam plenamente o êxito. A "Escocesa", entretanto, é tida como a obra sinfônica mais madura de Mendelssohn. Seu caráter lírico e melodioso sobressai ao caráter sinfônico.

Inicia-se a obra com uma introdução elegíaca, cujo tema melancólico reaparece no final do 1.º movimento, conduzindo ao 2.º movimento.

O 1.º movimento — *Allegro un poco agitato* —, de caráter baladesco e dominado por sombrias tonalidades menores, é percebido com um conjunto de impressões conseqüentes e bem formadas da paisagem escocesa.

O 2.º movimento, um *Scherzo* vivamente movimentado no seu caráter dançante, é colorido por elementos do folclore escocês. O tema juvenil da clarineta, por exemplo, construído num sistema pentatônico, é uma autêntica melodia de gaita-de-foles; não se sabe se é citação de alguma canção escocesa.

O 3.º movimento em lá maior nos introduz num outro mundo, com seu caráter *cantabile*; seu brilho é às vezes, obscurecido por um episódio em tonalidade menor e caráter de marcha.

O último movimento, de rítmica viva e pulsátil, é de

conteúdo festivo. Uma apoteose, que desenvolve uma idéia semelhante ao tema da introdução numa enorme ascensão em caráter de hino, fecha a obra com grande efeito.

Os quatro movimentos encadeiam-se sem intervalos. Esta concatenação cíclica, incomum à época, não foi aceita sem restrições.

#### WOLFGANG AMADEUS MOZART

(Salzburgo, 1756 — Viena, 1791)

Compositor austriaco, Mozart revelou desde os três anos de idade excepcional aptidão musical, estudando o cravo com seu pai, Leopold Mozart, também músico. Aos seis anos, Mozart já compunha e possuía domínio perfeito no cravo, violino e órgão. Aos 11 anos, já compunha óperas. Aos 16, já tinha composto 135 obras em todos os gêneros. Nestas obras da juventude é evidente a influência de Johann Christian Bach, que Mozart conheceu aos 8 anos de idade, em Londres, onde viveu um ano e meio. A atuação profissional de Mozart deu-se na Austria, entre Salzburgo e Viena; aí esteve sob a influência de Haydn, a quem dedicou 6 quartetos. Mas a capital austríaca, onde Mozart viveu seus 10 últimos anos de vida, não soube reconhecer e prestigiar o valor do grande compositor; além de um posto insignificante que lhe foi concedido em 1787, nenhum dos empregos musicais altamente rendosos e considerados dignos foi-lhe oferecido; muitas das suas obras fracassaram pela má vontade dos executantes; *A Flauta Mágica* (1791) foi o seu 1.º sucesso em Viena, a consagração que Mozart perseguia há tanto tempo. Neste mesmo ano morreu Mozart, aos 35 anos de idade, em decorrência de uma nefrite crônica que o acompanhava desde a infância. Apenas cinco pessoas acompanharam seus restos mortais à igreja, ninguém prosseguiu até o cemitério, onde foi sepultado em vala comum.

Mozart costuma ser citado como um elo do Classicismo vienense, entre Haydn e Beethoven. A classificação, em-

bora cômoda, não corresponde à verdadeira posição do compositor. Mozart não foi o continuador de Haydn nem o antecipador de Beethoven. O que não quer dizer que em sua obra não houvesse os germes de uma evolução. Ao contrário de Haydn, que utilizou o folclore austriaco, húngaro e eslavo, Mozart foi italianizante; usou a linguagem do seu tempo, sua obra está impregnada do estilo da época. Mas na manipulação desse estilo algo impessoal foi mestre inconfundível. Seu poderoso senso arquitetônico elaborou estruturas perfeitas, coerentes tanto na música instrumental como na dramática, na coordenação das árias. Foi, pela disciplina formal, um clássico. Mas muito se discute se não foi, pelo espírito, um pré-romântico. Pois está hoje desfeita a imagem de um Mozart rococó, brilhante e preciosista. Se algo existe desse Mozart, é em sua música feita de encomenda. Outro Mozart subsiste, mais complexo e soturno, em parte da sua música de câmara e nas suas grandes óperas.

Compositor essencialmente vocal, foi na ópera que se realizou de modo mais completo o gênio de Mozart. As primeiras óperas datam ainda da adolescência do mestre. Ao todo realizou 23, destacando-se seis, todas elas do último período de sua vida. *Idomeno, re di Creta* (1781); *Die Entführung aus dem Serail* (1782; O Rapto do Serralho), comédia; *Le Nozze di Figaro* (1786; As Nupcias de Figaro); *Don Giovanni* (1787, *Il dissoluto punito, ossia Il Don Giovanni*), que talvez seja a maior dessas obras primas, no gênero de "drama jocoso", a ópera mais complexa de Mozart, onde o drama e a comédia se mesclam com fantasia e liberdade totalmente Shakespearianas; *Così fan tutte* (1790; Assim fazem todas), comédia de equívocos; *Die Zauberflöte* (1791; A Flauta Mágica), a ópera mais heterogênea de Mozart, escrita às vésperas de sua morte.

*Don Giovanni*, ópera em dois atos, com libreto em língua italiana de Lorenzo da Ponte, teve sua estréia mundial em Praga, em 1787. É a versão mais conhecida das lendas que cercam Don Juan, o famoso amante espanhol. A ação tem lugar em Sevilha, no século XVIII. A intercalação de cenas cômicas e trágicas sempre fascinou o público que assiste ao *Don Giovanni*.

## GIUSEPPE VERDI

(Roncole, 1813 — Milão, 1901)

Compositor de óperas italiano, autodidata, fez sua estréia no teatro com *Oberto*, em 1839, no Scala de Milão, obtendo franco êxito. Sua segunda ópera — *Um Dia de Reinado* (1840) — do gênero cômico, foi um fracasso. Mas a terceira ópera — *Nabuco* (1842) — tornou-o o mais destacado compositor italiano da sua época. A partir de então, seguiram-se muitos sucessos como *Os Lombardos na Primeira Cruzada* (1843), *Hernani* (1844), *Atila, I Due Foscari* (1844), *Juana de Arco* (1845), *Alzira* (1845), *Macbeth* (1847), *Os Bandoleiros* (1847), *Jerusalém* (uma nova versão de *I Lombardi*), *O Corsário*, *Luisa Miller* (1849), *Rigoletto* (1851), *O Trovador* (1853) e *La Traviata* (1853). Estas três últimas, suas óperas populares, seus maiores sucessos, asseguraram a Verdi uma fama européia. Daí seguiu-se uma série extraordinária de obras-primas que vêm caracterizar a segunda fase da criação de Verdi. *As Vésperas Sicilianas* (1855), *Simão Bocanegra* (1857), *Um Baile de Máscaras* (1859), *A Força do Destino* (1862), *Don Carlos* (1867) e *Aida* (1871), obra encomendada para celebrar a abertura do canal de Suez, seu maior triunfo. Nos 16 anos que se seguiram, sua única obra importante foi a *Missa Réquiem* (1874), escrita em memória do poeta Manzoni. Em meados da década de 1880, Verdi retornou à composição operística por insistência de seu amigo Arrigo Boito, famoso poeta italiano. Boito é o autor dos libretos das óperas *Otelo* (1887) e *Falstaff* (1893); a primeira do gênero trágico, e a última, sua segunda e última ópera cômica. As últimas obras de Verdi são as quatro nobres *Peças Sacras*: *Ave Maria* (1889), *Stabat Mater* (1898), *Laudi* (1898) e *Te Deum* (1898).

Os enredos de várias de suas óperas foram extraídos de grandes dramaturgos como Shakespeare (*Macbeth*, *Otelo* e *Falstaff*), Schiller (*Juana de Arco*, *Luisa Miller*, *Don Carlo*) e Victor Hugo (*Hernani* e *Rigoletto*, escrito segundo *O Rei se Diverte*).

Verdi, fervoroso patriota, tornou-se um símbolo da luta da Itália pela independência da Áustria, em meados do século XIX, sendo frequentemente hostilizado pelas autoridades austríacas, que consideravam suas óperas incentivo ao nacionalismo italiano.

*A Traviata*, ópera trágica em três atos com libreto em italiano de Francisco Maria Piave, baseado na peça francesa *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, teve sua estréia mundial em Veneza, em 1853. A ação se passa em Paris e arredores, em meados do século XIX. O enredo resume-se na trágica estória de amor de Alfredo Chermont, um jovem francês, e Violetta Valery, sua amante. A ópera chocou o público da época porque Violetta, a heroína, levava uma vida desregrada. Ao contrário de quase todas as óperas daquele período, os personagens da *Traviata* são realísticos e motivados por complexas emoções. Esta prática veio a se estabelecer na ópera por volta de 1890, através do movimento literário denominado verismo. Musicalmente, a mistura de elementos líricos e patéticos com melodias populares e concentração em números de efeito vocal situa *A Traviata* dentro da tradição da *Grand opera*.

*Un Ballo in Maschera* — ópera em 3 atos com libreto de A. Somma, baseado em *Gustavo III*, ou *Le Bal masque* de Scribe, foi estreada em Roma, em 1859. O original foi baseado num fato histórico: Gustavo III da Suécia foi baleado nas costas num baile de máscaras em Estocolmo, em 1792. A fim de evitar incitar a violência contra a realeza durante um período de intranquilidade política, Verdi foi forçado pelas autoridades a transferir o local da ação da ópera para Boston. Algumas realizações atuais já colocam a ação na Suécia, enquanto outras colocam-na em Nápoles.

GIOACHINO ANTONIO ROSSINI

(Pesaro, 1792 — Paris, 1868)

Até os quatorze anos, idade em que compôs sua primeira ópera *Demetrio e Políbia*, Rossini foi um autodidata.

Somente aos quinze anos entrou para o Liceu Musical de Bolonha, estudando composição com P. Mattei. Impaciente para ganhar a vida, Rossini abreviou seus estudos e, em 1810, debutou no teatro, em Veneza, com *La cambiale di matrimonio*. O êxito desta apresentação foi o incentivo para que, em 3 anos, Rossini compusesse mais de 30 óperas. Em 1823, foi nomeado diretor do Teatro Italiano de Paris. Sua carreira de compositor foi curta acabando em 1829, com a estréia triunfante de *Guillermo Tell* em Paris, sua ópera dramática. Temendo decair, Rossini decidiu não escrever mais para o teatro. Não tinha, então, mais que 37 anos, e sobram-lhe ainda 31 anos de vida, durante os quais não compôs mais que um espetacular *Stabat Mater* e uma *Pequena Missa*.

Rossini é o primeiro e principal representante da nova ópera italiana mais ou menos romântica, dominando o cenário operístico na Itália e em Paris durante a primeira fase do século XIX e conquistando a Europa até 1830. Suas obras estão cheias de melodias brilhantes e aparentemente fáceis, gravando-se na memória; não é desprezível sua arte de instrumentação. A música rossiniana foi perfeitamente adaptada à sociedade aristocrata decadente, frívola e deliberadamente apolítica da época da Restauração entre 1815 e 1830. Também a burguesia francesa da época após a revolução de 1830, desprezando a seriedade de Rameau, consome avidamente o gênero fácil da sua ópera cômica. *Il Barbiere di Siviglia* (1816: O Barbeiro de Servilha) é uma obra prima, celebrou o mestre sendo até hoje a ópera mais apresentada na Itália e muito exibida no estrangeiro. Merece isto pela verve musical brilhante de abertura e das árias e pelo efeito irresistível das cenas cômicas.

GEORGES BIZET

(Paris, 1838 — Bougival, 1875)

Alexandre César Léopold, dito Georges Bizet, além dos méritos de compositor, teve também os de pianista virtuoso.

se, admirado por Liszt. Graças a seu pai, professor de canto, foi um grande conhecedor da voz. Sua formação musical foi feita no Conservatório de Paris, onde estudou com Hálevy e Gounod, e mais tarde em Roma. Suas principais obras são: *Jogos de Crianças* (1781), série de 12 peças para piano a 4 mãos, orquestradas posteriormente, uma maravilha de variedade e vivacidade; a música incidental *L' Arlésienne* (1872), para uma peça de Alphonse Daudet, da qual ele extraiu a Suite *L' Arlésienne*; e a ópera *Carmen* (1873-1874), que o imortalizou. Bizet tinha um senso genial do teatro e do colorido. Sua melodia possui charme e sensibilidade raros. Soube evidenciar os timbres da orquestra e, através da clareza e transparência da sua orquestração, dotou a sua música de uma aparência sempre luminosa e brilhante.

*Carmen*: Ópera trágica em 4 atos, a mais importante das obras de Bizet, é uma das óperas mais populares de todos os tempos. O libreto em francês, de Ludovic Halévy e Henri Meilhac, é baseado no romance francês *Carmen*, de Prosper Mérimée. A ação de *Carmen* se passa em Sevilha, aproximadamente em 1820. O drama é centralizado em torno da volubilidade da cigana Carmen e do ciúme do seu parceiro, o soldado Don José, pois ela o abandona por um toureiro, Escamillo. No final da ópera, Don José suplica a Carmen que volte para ele e quando ela, desdenhosamente, recusa-se a fazê-lo, Don José, num acesso de ciúmes, mata-a a punhaladas. A princípio, esta estória de um amor violento, estreada em Paris, em 1875, foi severamente criticada; consideraram-na obscena e repulsivos os seus personagens. Não compreendiam que Bizet criara personagens que podiam ser reais, ao invés de figuras operísticas usuais. Mas a ópera finalmente alcançou o número de cinquenta apresentações em um ano. O êxito de *Carmen* está, sem dúvida, na mistura do melhor e do pior; há poucas óperas cujo estilo compreenda elementos tão diversos e seja tão desigual, passando da obra de arte à monotonia musical e sentimental. A "Canção do Toreador" de Escamillo, no segundo ato, está entre as árias mais conhecidas e popularizadas da obra.

## ANTÔNIO CARLOS GOMES

(Campinas, 1836 — Belém, 1896)

Compositor e maestro brasileiro, representante do nosso romantismo musical, Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas (SP), realizando seus primeiros estudos musicais com o pai, regente da banda da cidade. Escreveu sua primeira composição, uma *Missa*, em 1854; Seguiram-se as composições do *Hino Acadêmico* e da modinha "Quem Sabe" (1859), famosa pelos primeiros versos: "Tão longe, de mim distante"... Neste ano transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi aluno do Conservatório de Música. No ano seguinte, (1860), em virtude do sucesso na apresentação de duas cantatas da sua autoria, foi convidado para integrar a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional. Em 1861 foi encenada, no Teatro Lírico Fluminense, sua primeira ópera, *A Noite no Castelo*, à qual se seguiu *Joana de Flandres* (1863). O êxito alcançado por essas óperas fez com que D. Pedro II lhe concedesse uma bolsa de estudos para o Conservatório de Música de Milão (1864), onde diplomou-se em 1866. Em Milão obteve grande sucesso a ópera *Il Guarany*, composta no estilo da segunda fase de Verdi, com libreto tirado do romance homônimo de José de Alencar, porém em língua italiana, estreada no famoso teatro alla Scala em 1870. Esta ópera atesta claramente a influência italiana dominante no cenário artístico internacional da época. A melhor ópera de Carlos Gomes é, no entanto, *Fosca* (1873). A tentativa ambiciosa de criar uma ópera autenticamente nacional, *Lo Schiavo* (1889; *O Escravo*), só teve meio sucesso por causa do libreto; mas contém a melhor música que o compositor chegou a escrever. Esta e *Il Guarany* são consideradas as melhores óperas do repertório nacional.

Carlos Gomes foi a figura musical dominante no cenário musical do país na segunda metade do século XIX, tendo sido também o primeiro músico brasileiro a projetar-se internacionalmente.

## O REGENTE

**SÉRGIO MAGNANI** nasceu em Udine (Itália) em 1914, tendo cursado nesta cidade os estudos clássicos e o Conservatório, formando-se em piano, composição e regência. Discípulo de Alfredo Casella nos cursos de aperfeiçoamento do Conservatório de Sta. Cecilia em Roma.

Oficial combatente na segunda guerra mundial.

De 1947 a 1950 diretor dos serviços de música sinfônica e de câmara da Rádio Italiana em Roma.

Em 1950, muda-se para o Brasil, onde desenvolve atividades de pianista, regente, musicólogo e professor. Até 1964 é regente titular da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos e da Sociedade Coral de Belo Horizonte, junto a qual dirige as temporadas líricas anuais.

De 1964 a 1967 regente titular da Orquestra Sinfônica da Universidade da Bahia.

Atualmente, Supervisor da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais na Fundação Clóvis Salgado de Belo Horizonte.

Pertence ao corpo de fundadores da Universidade Mineira de Artes e da Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte.

É professor de Literatura Italiana na Universidade Federal de Minas Gerais.

Autor de música sinfônica, camerística e coral, escritor e conferencista, reconstrutor de obras do barroco mineiro.

Doutor em Direito e doutor em Letras pela Universidade de Roma.

Cidadão Honorário de Belo Horizonte, medalha da Ordem da Inconfidência Mineira e Comendador da Ordem da Solidariedade Italiana por méritos culturais.

## O SOLISTA

**LUCIANO FIUZA**. Baritono, nascido em Salvador, onde iniciou em 1952 os seus estudos de canto com a Profa. Magda Enderlein e teoria e solfejo no Instituto de Música da Bahia.

Tem participado como solista em diversas oportunidades tanto no Estado da Bahia como em diversas capitais brasileiras, sempre se destacando com grande brilho em temporada de óperas e recitais.

Foi solista da Orquestra Sinfônica da UFBA, sob a regência de Sérgio Magnani, cantando "A Flauta Mágica" de Mozart, Requiem de Brahms, Tenente Kijé de Prokofief e Traviata, de Verdi.

Também com a orquestra sinfônica da UFBA, cantou sob a regência de Carlos Veiga "Carmina Burana", repetindo esta mesma peça depois em Campinas e São Paulo, sob a regência do maestro Benito Juarez.

Sob a regência do maestro Mário Bruno cantou algumas óperas em temporada bahiana, como La Bohème, A Flauta Mágica, La Traviata, o Guarani entre outras.

## ORQUESTRA SINFÔNICA DA PARAÍBA

### 1.ª VIOLINOS:

Rafael Garcia "SPALLA"

Leopoldo Nogueira

Bruce Keven Mack

Eugen Egan

Manoel Lopes

Oscar Duran

Yerko Pinto

Inge Berger

Marie Savine

Agmar Dias Pinto Filho

### 2.ª VIOLINOS:

Pedro Pinto

Annie Josete

Herbert Villibaldo Wentz

Alaurinda Padilha

Hermes Alvarenga

Maria Lúza Paiva

Iolanda Maia Gouveia

### FLAUTA E FLAUTIM:

Gustavo de Paco de Gêa

### FLAUTAS:

Elena Rodrigues

José Augusto Maroppo

### OBOES:

Roberto Carlos di Léo

João Johnson dos Anjos

### CLARINETES:

Amadeu Ribeiro Salles

Santiago Aidana

### FAGOTES:

Joachim Thommler

Egon Figueroa

### TROMPAS:



**VIOLAS:**

Samuel Espinoza  
Shary T. House  
Guilherme Campos  
José Euclides dos Santos

**VIOLONCELOS:**

Francisco Pino e Jed Barahal  
Nelson Campos  
Miguel Seigar  
Osiria Sepulveda Rojas  
Raquel Mascarenhas Rios

**CONTRABAIXOS:**

Hector Rossi  
José da Barros Chagas  
Poty Holanda de Lucena  
Walter Schinke

Carlos Moreira  
Cromácio Leão  
Robert Edmund House  
Natal de Oliveira

**TROMPETES:**

Gerard Hostein  
Nailson Simões  
Gláucio Xavier da Fonseca

**TROMBONES:**

Jacques Ghestem  
Sandoval Moreno de Oliveira  
Radegundes Feitosa Nunes  
Flávio Fernandes de Lima

**TIMPANOS:**

Odaír Gomes Salgueiro

**SETOR TÉCNICO ADMINISTRATIVO****COORDENADORA**

**ADMINISTRATIVA:**  
Ana Lúcia Altino Garcia

**ASSESSORIA MUSICAL:**  
Izabel Maria de Miranda  
Burity Mandi

**REDATORA MUSICAL:**  
Ilza Costa Nogueira

**SECRETÁRIA:**  
Clélia Simões Lopes

**RELAÇÕES PÚBLICAS:**  
Agmar Dias Pinto

**INSPETOR:**

Alberto Menezes

**ARQUIVISTA:**

Yolanda Seixas Maia Gouveia  
Maria do Carmo Germóglia  
Macedo

**COPISTA:**

Iracema Andrade Miranda

**MONTADORES:**

Eduardo Barbosa de Pontes  
Aluísio de Souza Barros